

## O amor pelos necessitados

Pedro Paulo V. A. Azevedo\*

Nietzsche defende a idéia de que o sujeito não ama e sim ama estar amando, e, na realidade, para o filósofo todo amor é amor próprio. O sujeito é tomado pelo estado agradável que o exercício de amar provoca em si próprio. Não poderia concordar com a generalização, no entanto, é indiscutível que não se tem a dimensão do amor pelo outro sem o amor próprio. A questão toda será aonde incidirá a tônica do ato de amar, se no outro ou em si mesmo. Se no suposto objeto do amor ou se no eu de quem supostamente ama. Uma questão de economia da libido (energia de vida).

É muito comum encontrar personalidades narcísicas que ao invés do comum egocentrismo, do olhar para o próprio umbigo tão facilmente observável, mostrarem-se “extremamente carinhosos com os outros”, o que causa uma impressão errônea de que não se tratam de pessoas auto-centradas. Mas, na verdade, essas pessoas estão embebidas de amor próprio, vivendo a fantasia de um eu grandioso, como se estivessem a dizer: *“olhem como sou maravilhoso e o quanto sou amoroso”*. E pessoas com falhas em sua auto-estima são presas fáceis e preferenciais dessas personalidades.

Num outro extremo temos aquelas pessoas tomadas de uma enorme menos-valia, que sofrem do popular “complexo de inferioridade”, que só conseguem sentir amor pelo que está fora delas. Tornam-se pessoas servis e que “vivem para os outros”, mas também que é o modo pelo qual conseguem amar. Ou seja, por trás do “altruísmo” encontra-se o velho egoísmo. Um exemplo clássico na literatura é o de Cyrano de Bergerac.

Portanto, o Ser que é capaz de verdadeiramente amar o outro distribui de forma equilibrada sua libido entre seu próprio eu e o mundo externo. A libido investida no eu e a libido investida no objeto transita fácil de um lado para o outro, sem fixações. É capaz de perceber o outro como outro e não mera projeção de seu eu. Uma experiência rica de alteridade.

Estamos prontos então para abordar o tema do artigo, que é o amor pelos necessitados. Ora, nessa linha de raciocínio tem pessoas que não amam os necessitados, amam que eles necessitem. O estado de necessidade do outro é o que oferece

prazer a essas pessoas, que gozam da condição de necessidade daqueles que as procuram. Portanto para essas o indivíduo deverá permanecer necessitado, única condição para receber o “amor”. É claro que esses se diferenciam radicalmente daqueles que se solidarizam da necessidade alheia e se engajam para eliminá-la. Ou seja, podemos nos perguntar quem é no fundo esse sujeito que diz ter amor pelos necessitados. Uma forma de evitar desilusões futuras.

\*Pedro Paulo é psicanalista, titulado pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), filiada à International Psychoanalytical Association (IPA).